

IV SEMANA DO CONHECIMENTO

COMPARTILHANDO E FORTALECENDO REDES DE SABERES

6 A 10 DE NOVEMBRO DE 2017



Marque a opção do tipo de trabalho que está inscrevendo:

Resumo

Relato de Caso

TRATAMENTO DE FERIMENTO POR ARMA BRANCA EM OURIÇO-CACHEIRO (*Sphiggurus sp.*) RELATO DE CASO

AUTOR PRINCIPAL: Liz Perera Rodio

COAUTORES: Carlos Miguel De Bastiani, Cassiano Schmitz Nhoato, Daiane Debona, Diego da Costa, Francisco Jorge Schulz Júnior, Leonardo Splendor Biguelini, Luis Fernando Pedrotti, Márcio Cristiano Varela Anacleto, Marina Gatto, Marina Junchem e Melania Bortolini

ORIENTADOR: Michelli Westphal de Ataíde

UNIVERSIDADE: Universidade de Passo Fundo (UPF)

INTRODUÇÃO:

O ouriço-cacheiro é uma espécie de roedor pertencente à família *Erethizontidae*, com ocorrência em grande parte do território brasileiro. Devido a ação antrópica no meio ambiente, há grande migração de espécies para o espaço urbano, o que resulta no conflito frequente de atropelamentos e ataques de cães (CUBAS, Z. S.; SILVA, J. C. R.; CATÃO-DIAS, J. L., 2014). Acrescenta-se ainda a falta de conhecimento da população em relação ao ouriço, que muitas vezes acham que seus espinhos são lançados quando estão sob ameaça, desconhecendo que o espinho apenas se desprende pelo toque (SOARES, S. C. et al., 2011). O presente trabalho demonstra o sucesso do tratamento feito em um ouriço-cacheiro, vítima de acidente por arma branca, onde foi considerada a eutanásia do mesmo, devido a cronicidade da lesão.

DESENVOLVIMENTO:

Um ouriço-cacheiro (*Sphiggurus sp.*), fêmea, adulto, 1,2kg, foi recebido no Hospital Veterinário UPF apresentando laceração cutânea com aspecto necrótico e exposição óssea em região de osso frontal, sugestivo de interação por arma branca. Após realizada contenção química com tiletamina e zolazepam (5mg.kg^{-1} IM) foram removidos os espinhos ao redor da lesão e observada a presença de miíases e tecido necrótico no local, após a limpeza com solução fisiológica NaCl 0,9% em abundância e remoção do tecido contaminado instituiu-se antibioticoterapia com metronidazol (40mg.kg^{-1} VO/BID) e sulfadoxina com trimetoprim (15mg.kg^{-1} VO/BID) por 15 dias, a analgesia com cloridrato de tramadol (4mg.kg^{-1} IM/TID), por 10 dias, além de meloxicam ($0,2\text{mg.kg}^{-1}$ IM/SID), por dois dias. Foi

IV SEMANA DO CONHECIMENTO

COMPARTILHANDO E FORTALECENDO REDES DE SABERES

6 A 10 DE NOVEMBRO DE 2017



estipulada a limpeza da ferida com solução fisiológica NaCl 0,9% e sulfadiazina de prata, via tópica, TID, por 14 dias para descontaminação e desbridamento químico do local. No terceiro dia de tratamento, foi administrado dexametasona ($0,5\text{mg}\cdot\text{kg}^{-1}$ IM) em dose única e furosemida ($2\text{mg}\cdot\text{kg}^{-1}/\text{SC}/\text{BID}$), por dois dias, devido à presença de edema presente no local da ferida. Durante o tratamento, também foi utilizado ranitidina ($2\text{mg}\cdot\text{kg}^{-1}$ SC/BID), além de uma mistura de frutas administrados de forma forçada. No 15º dia, o animal foi sedado novamente com tiletamina e zolazepam ($5\text{mg}\cdot\text{kg}^{-1}$ IM) e reavaliado, onde optou-se por realizar o desbridamento cirúrgico da lesão e o tratamento tópico com rifamicina spray diretamente na lesão, BID, por sete dias, seguido de eugenol até total cicatrização. O tratamento empregado neste caso clínico foi considerado satisfatório, levando-se em conta o grau avançado de contaminação do ferimento. O uso dos antibióticos por longo período decorreu-se devido à grande extensão da lesão. Elegeu-se sulfadoxina com trimetoprim e metronidazol por serem fármacos que ultrapassam a barreira hematoencefálica e por terem ação frente à maioria das infecções anaeróbicas, respectivamente (NEVES, I. V.; TUDURY, E. A.; COSTA, R. C., 2010). O uso por período prolongado de analgesia, deu-se pela intensidade do manejo da limpeza do ferimento (FANTONI, D., 2011). Aos 46 dias de tratamento, o ferimento foi considerado cicatrizado. Devido ao longo período de tratamento, o animal habituou-se com a presença humana e foi considerado incapaz de retornar ao seu habitat natural. Atualmente, reside em um zoológico, e é utilizado como ferramenta de educação ambiental, visando favorecer a mudança de postura pela comunidade em relação à captura, maus-tratos e posse de fauna. Objetivando, assim, diminuir a perda da biodiversidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Conclui-se que a intervenção em lesões de animais silvestres causadas por ações antropomórficas, sejam elas intencionais ou não, são passíveis de tratamento. Levando em conta a terapia medicamentosa aplicada, aliado a técnicas de enriquecimento ambiental, visando a cura clínica e o bem-estar do indivíduo.

REFERÊNCIAS:

- CUBAS, Z. S.; SILVA, J. C. R.; CATÃO-DIAS, J. L. **Tratado de Animais Selvagens**. 2ª Edição. São Paulo, Editora Roca, 2014.
- FANTONI, D. **Tratamento da Dor na Clínica de Pequenos Animais**. 1ª Edição. Rio de Janeiro, Elsevier Editora, 2011.
- NEVES, I. V.; TUDURY, E. A.; COSTA, R. C. **Fármacos utilizados no tratamento das afecções neurológicas de cães e gatos**. 2010. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/4457/445744097026/>> Acesso em: 24 de agosto de 2017
- SOARES, S. C. et al. **Percepção dos Moradores de Goioerê – PR, sobre a Fauna Silvestre Urbana**. 2011. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/18593060-Percepcao-dos-moradores-de-goioere-pr-sobre-a-fauna-silvestre-urbana.html>> Acesso em: 24 de agosto de 2017

IV SEMANA DO CONHECIMENTO

COMPARTILHANDO E FORTALECENDO REDES DE SABERES

6 A 10 DE NOVEMBRO DE 2017



NÚMERO DA APROVAÇÃO CEP OU CEUA (para trabalhos de pesquisa): Número da aprovação.

ANEXOS:



Figura 1: Primeira semana de tratamento.



Figura 2: 15 dias após início do tratamento.

Figura 3: Total cicatrização do ferimento.